

Tudo começou em 1973

Idealizador da Paixão de Cristo em Planaltina relembra as primeiras encenações no Morro da Capelinha, quando 500 fiéis reuniram-se no local para rezar. Hoje, 40 anos depois, a via-sacra é contada em livro e será tema de documentário europeu

Ricardo Daehn

Adauto Cruz/CB/D.A Press



Padre Aleixo Susin veio para o DF em 1968 e conta que ajudou a construir casas no Guará: hoje, aos 85 anos, ouve confissões na Paróquia São Paulo Apóstolo

Aos 85 anos, o vigário Aleixo Susin só vê multiplicar a satisfação com uma iniciativa implantada em 20 de abril de 1973: “Foi quando sonhei em ver uma multidão preenchendo todos os espaços do Morro da Capelinha”, relembra.

Antes de ser transformada em patrimônio, por decreto de 2008, a manifestação já havia rendido livro intitulado Singela história da via-sacra ao vivo em Planaltina- DF, publicado há 11 anos. Agora, sob interesse das tevês KTO (França) e TV2000 (Itália), um documentário em produção, pelo que explica o padre Aleixo, demonstra que “a reputação do evento já cruzou o Atlântico”.

Orgulhoso, o idealizador comemora que o público europeu perceberá “a vibração da fé no Brasil”. Há 40 anos, timidamente, três igrejas realizaram procissões convergentes para a Capelinha. “Na primeira vez, tivemos 500 pessoas, mas ainda não era o ideal. Depois do terceiro ano, chamei os cursilhistas (pessoas que, organizadas, se convertem para Deus) para, a partir dos Quatro Evangelhos, fazer uma reflexão e realizar a via-sacra da maneira mais direita possível”, conta ele, então pároco da cidade.

“Na primeira tentativa, foi tudo muito simples, mais no campo da alegoria — não tivemos propriamente a encenação da Paixão de Cristo. Aparecia Jesus subindo o calvário e seguiam-se as estações bíblicas”, relata.

Ciente de que sacerdócio seja “doação ao outro”, o religioso segue reforçando um caminho de disseminação de fé. O documentário A Paixão de Planaltina, com produção de Marie-Anne Sorba, servirá como portfolio de cristãos locais na visita do papa Francisco, ao Rio de Janeiro, em julho, pelo Dia Mundial da Juventude.

Sem dificuldades, Aleixo Susin enumera fatores para o êxito da via-sacra. “Primeiro, há a beleza do lugar lá em cima”. A corrente humana, a partir do espírito edificante do evento, é consequência. “Os participantes trouxeram uma coisa espontânea e tudo ganhou a dimensão que tem”, diz.

Construção do Guará

O espírito “união que faz a força” parece corresponder ao de um outro movimento liderado por Susin: na vinda para a capital, em janeiro de 1968, ele mobilizou um grupo empenhado na construção de casas do Guará 1.

“A Igreja, queira ou não, tem que entrar na política; não na partidária. Política, no sentido de trabalhar bem para o povo. A Igreja, aliás, sempre colaborou na formação de líderes cristãos”, avalia. “Trabalhei praticamente como operário na construção do Guará. Foi no movimento do mutirão, em que funcionários mais pobres da prefeitura do DF tiveram direito a lote e, em conjunto, construíamos casas. No fim de 1968, já tínhamos 12 delas”, conta.

Vivendo, à época, num colégio dos Irmãos Lassalistas (em atual região de Águas Claras), Aleixo trocava a batina por roupas simplórias usadas nas obras, depois de uma hora de caminhada e de trajeto de ônibus. “Naquele tempo, eu não tinha nada. Os irmãos me davam o resto do jantar anterior, colocavam numa lata. Havia quem não tinha nada e repartia com eles também”, sublinha. O esforço, novamente, se fez recompensado: “Houve quem abraçasse as casas, como se fosse o irmão mais querido do mundo”, conta.

Confissões

Ajudante de pároco (função que deixou há 10 anos), atualmente, o padre Susin (ver Perfil) tem a minha missão de praticamente atender todas as confissões na Paróquia São Paulo Apóstolo, no Guará 1, que, por sinal, se alastram por ocasião da Semana Santa. “Saio tonto de tanto ouvir e dar absolvições”, brinca. “Como padre confessor, me sinto o pai dos filhos daquela história do filho pródigo. Me sinto realizado. Os cristãos retribuem com um abraço, um beijo, um choro de emoção. Eu também me pego chorando de emoção. As pessoas voltam pra casa felizes”, comenta.

Maior contentamento, só mesmo com o especial momento de projeção do papa Francisco. “Antes de mais nada, só posso elogiar o anterior pela humildade maravilhosa que teve ao renunciar. Já Francisco, desde o início, tem dado exemplos de simplicidade e amor, na medida dos de Jesus (amai-vos uns aos outros como eu vos amei)”, observa.

O Papa, na visão do religioso, “é fora do comum”. “Ele é um exemplo, em todos os sentidos, com algo do papa João XXIII e do João Paulo II. Francisco quer renovar a Igreja, sem estardalhaço. Quer reformar, como Jesus ensinou, pelo amor aos pobres, o amor entre nós e o amor àqueles que não são da nossa religião. Ele quer união com todo mundo: respeitando a religião de cada um”, conclui.

Perfil

Filosofia e teologia

Nascido em Caxias do Sul (RS), em 24 de junho de 1927, e neto de imigrantes italianos, ele integrou o seminário com apenas 13 anos, no distrito gaúcho de Fazenda Souza. Aos 5 anos, porém, a vocação estava arraigada no filho do barbeiro e sapateiro João e da empregada doméstica Josefina.

“Minhas brincadeiras eram rezar missa e chamar amiguinhos pra ouvir o sermão. A túnica para celebrar a missa era o vestido de noiva da minha mãe, usava uma capa do pai, e o cálice da igreja era de vidro”, diverte-se. Cursou filosofia em São Leopoldo (RS) com padres jesuítas e lecionou em colégios internos. Em 1950, padre Aleixo foi mandado para Roma a fim de estudar teologia. Em 19 de dezembro de 1953, foi ordenado sacerdote na Basílica São João de Latrão, na capital italiana, enquanto os estudos foram finalizados na Universidade Gregoriana de Roma. Em março de 1969, com a morte de um pároco em Planaltina-DF, Aleixo teve que assumir o posto, estendido por 15 anos. Mais velho entre os 11 irmãos, Aleixo viu com satisfação o irmão Valdir tornar-se missionário em localidades como África, Índia, Chile e México.

www.interjornal.com.br

www.inovsi.com.br